



22 A 26
DE OUTUBRO
DE 2024
FLORIANÓPOLIS - SC



Trabalhos Científicos

Título: Análise Epidemiológica Dos Óbitos Por Anomalias Cromossômicas No Brasil: A Influência Da Idade Materna.

Autores: ISABELLE LAYS DE CASTRO FERRARI (UNIVERSIDADE DE VÁRZEA GRANDE), LAURA BRAGA BARÃO (UNIVERSIDADE DE VÁRZEA GRANDE), LORENA VARGAS BOTELHO (UNIVERSIDADE DE VÁRZEA GRANDE)

Resumo: O adiamento da maternidade é uma tendência crescente em muitas sociedades contemporâneas, levando ao aumento da idade materna. Esta mudança demográfica suscita preocupações sobre os potenciais impactos na saúde materna e fetal, incluindo um maior risco de anomalias cromossômicas, e mortalidade. Este estudo tem como objetivo investigar a influência da idade gestacional da mãe na mortalidade por anomalias cromossômicas, analisando os padrões temporais e quantitativos dessas ocorrências ao longo de um período de 10 anos no Brasil. Foi realizado um estudo epidemiológico, observacional, analítico do tipo ecológico com dados obtidos do Sistema de Informações sobre mortalidade (SIM) referentes aos óbitos infantis segundo capítulo XVII (malformações congênicas, deformidades e anomalias cromossômicas - Q00-Q99) da CID-10, no Brasil, entre os anos de 2012 e 2022. Entre 2012 e 2022, o Brasil registrou 393.304 óbitos infantis (0 a 1 ano). Desses, 87.977 (22,36%) foram atribuídos ao capítulo XVII da CID-10, que engloba malformações congênicas, deformidades e anomalias cromossômicas (Q00-Q99), sendo a segunda maior causa de mortalidade nessa faixa etária. Destes, 7.575 óbitos (8,6%) foram especificamente por 'anomalias cromossômicas' (Q90-99). Observou-se um aumento gradual até 2019, com picos em 2018 (756 óbitos) e 2019 (771 óbitos), seguido de quedas durante a pandemia de COVID-19 em 2020 e 2021, e um aumento em 2022 pós-pandemia, totalizando 805 óbitos. As anomalias cromossômicas mais significativas foram a Síndrome de Edwards e Síndrome de Patau, com 4.463 mortes, seguidas pela Síndrome de Down, com 1.812 registros, e outras anomalias dos cromossomos NCOP, com 1.014 óbitos. Quanto à idade materna, o pico de óbitos por anomalias cromossômicas ocorreu em mães de 35 a 39 anos, com 1.750 óbitos, seguido por idades de 40 a 44 anos (1.464 óbitos), 30 a 34 anos (1.185 óbitos), 25 a 29 anos (941 óbitos), 20 a 24 anos (804 óbitos), 15 a 19 anos (529 óbitos) e 10 a 14 anos (27 óbitos). A análise epidemiológica dos óbitos por anomalias cromossômicas relacionadas à idade materna no Brasil, entre 2012 e 2022, revela um aumento de 40% no número de casos em uma década. Esse crescimento está significativamente associado ao avanço da idade materna e ao aumento dos óbitos infantis por essas anomalias. Gestantes a partir de 35 anos, consideradas idosas, apresentaram as maiores taxas de mortalidade, representando 45,25% dos casos, com um pico de óbitos em mães de 35 a 39 anos. Em contrapartida, as gestantes na segunda década de vida registraram os menores números de óbitos, com 7,3% dos casos. Esses achados destacam a maternidade tardia como uma questão de saúde pública e enfatizam a importância de os profissionais de saúde informarem sobre os riscos envolvidos. Portanto, o planejamento familiar e as consultas pré-natais são essenciais para reduzir as mortes decorrentes de síndromes genéticas.